

Caretas de Cazumba no Bumba-meu-boi do Maranhão

Elisene Castro Matos
Sergio F. Ferretti

Resumo

Caracterização do Cazumba, personagem da manifestação folclórica do bumba-meu-boi do Maranhão. Destaca-se pelo uso de máscara com formas animais variadas e túnica decorada com figuras de santos e alegorias. As máscaras assemelham às utilizadas na África Ocidental, na Península Ibérica ou em outras regiões, sendo elemento sincrético com origens diversificadas, como ocorre com a religião e a cultura popular. Representam símbolos com múltiplos significados, relacionados com a imagem e a noção de pessoa. Sua confecção envolve criatividade, espírito de competição, preocupação com beleza e originalidade. Atualmente tem despertado grande curiosidade entre pesquisadores, turistas e interessados, pelos aspectos estéticos, significados simbólicos e a performance ritual das apresentações.

Palavras chave

Cultura popular. Bumba-meu-boi. Cazumba. Careta. Performance ritual. Simbolismo.

Abstract

Characterization of *Cazumba*, a character from the performance of *bumba-meu-boi* from Maranhão. It is notable for its use of a mask with various animals' forms and embroidered tunic with images of saints and allegories. The masks are similar to those used in West Africa, the Iberian Peninsula or elsewhere, being a syncretic element with different origins, the same way as it happens with religion and popular culture. They represent symbols with multiple meanings, related to the image and the notion of self. Their preparation involves creativity, competition, concern for beauty and originality. They have currently stimulated great curiosity among researchers, tourists and the ones interested in aesthetic, symbolic meanings and ritual performance of presentations.

Keywords

Popular culture. *Bumba-meu-boi*. *Cazumba*. Grimace. Ritual performance. Symbolism.

1. INTRODUÇÃO

A manifestação folclórica do bumba-meu-boi do Maranhão apresenta características de fantasias, personagens e estilos musicais que variam com as diversas regiões do Estado. Constitui elemento da cultura popular, que existe em quase todo o país (CASCUDO, 1988) e que assume no Maranhão características especiais de luxo e beleza, sendo realizada no período junino. Diversos tipos de máscaras são usadas na cultura popular maranhense. Entre elas se destaca a do Cazumba, um dos personagens presentes no bumba-meu-boi que se caracteriza pelo uso de máscara com formas variadas e por vestimenta especial também chamada de bata.

O personagem Cazumba é encontrado principalmente nos grupos de boi da Região da Baixada Maranhense, área de campos alagados em torno do Lago de Viana, aparecendo, sobretudo nos Municípios de Viana, Penalva, São Vicente, Cajapió, Matinha, São João Batista, São Bento e Pindaré. O Cazumba se apresenta regularmente em alguns grupos de boi de São Luís, sobretudo no boi da Floresta de seu Apolônio Melônio e em outros. Atualmente este personagem tem bastante popularidade.

As máscaras não estão presentes exclusivamente no Cazumba do bumba-meu-boi. Há caretas em outras manifestações populares maranhenses, especialmente na brincadeira folclórica denominada de Reisado de careta, realizada para salvar os Santos Reis no período das festas natalinas da região em torno do Município de Caxias, no Centro Sul do Estado. As caretas aí são confeccionadas com pano, papel machê e carcaças de animais. No carnaval maranhense são também importantes as máscaras de fantasias do carnaval, entre as quais se destaca o fofão e as usadas em figuras hoje

menos comuns como o urso, o diabo e outras. A máscara do fofão costuma ser feita normalmente de papel mache, com destaque para seu nariz que é bastante pontudo, assemelhando-se a um órgão fálico, mas usa-se também máscaras de borracha. Alguns grupos indígenas no Estado usam em determinados rituais máscaras confeccionadas, sobretudo com produtos vegetais.

Parece-nos importante refletir um pouco sobre o significado estético e simbólico e sobre origens da careta de Cazumba que hoje desperta atenção e interesse no bumba-meu-boi maranhense.

2. CARETAS EM PORTUGAL E NA ÁFRICA

Nos anos de 1980 ao apresentar uma careta de Cazumba que doamos ao Museu de Folclore de Rossini Tavares de Limas em São Paulo, pensávamos estar encontrando no Maranhão exemplo de influências africanas nesta máscara. A nosso ver tais influências se justificariam tendo em vista a população predominantemente negra que as produziam e utilizavam, como por certas semelhanças que julgávamos encontrar na confecção e no uso de máscaras no Maranhão e na África Ocidental. Certamente estávamos preocupados com a tentativa de identificar a presença de africanismos como manifestação da identidade étnica. Esta identificação tinha a ver com a origem do termo Cazumba. A este respeito o Novo Dicionário do Aurélio relaciona Cazumbi com o quimbundo nzumbi que significa duende e zumbi com fantasma, indivíduo que sai a noite. Castro (2001) informa que cazumbi deriva do banto, como zumbi, que significa alma errante, fantasma ou pessoa com hábitos noturnos. Fato curioso é que em meados do século XIX a palavra Cazumba aparece no interior da Bahia, utilizado como

nome próprio ou como apelido, documentado por alguns pesquisadores¹

Embora estes elementos de identificação sejam importantes, por outro lado, esquecíamos que aqui mesmo em São Luís e em muitas regiões da Amazônia, a Festa do Divino Espírito Santo, largamente difundida no seio da população negra é realizada principalmente no ambiente religioso dos terreiros de culto afro-brasileiro sendo, entretanto uma festa trazida pelos portugueses de origem açoriana, que foi assimilada pelas populações locais e no Maranhão predominantemente pelos negros. Devemos lembrar que assimilação é um dos mecanismos de aculturação importantes nos contactos entre culturas, tendo em vista, sobretudo a influência exercida pelo grupo dominante sobre os dominados.

Em Dezembro de 2007, participando da IIª Bienal da Máscara realizada em Bragança, na região de Traz os Montes, em Portugal, tomamos conhecimento da importância deste elemento na cultura que prevalece na região de fronteiras entre a Espanha e o Noroeste de Portugal. As máscaras aí são denominadas de caretos e confeccionadas com materiais diversos como madeira, couro, pano, pepel machê, metal e outros e utilizadas, sobretudo nas festas rurais do ciclo natalino, que atualmente autoridades da área de cultura tentam recriar em função do significado e da importância turístico-cultural. Constatamos haver um grande número de tradições com o uso de máscaras

que passaram a ser estimuladas pelas autoridades e fazem parte da programação e do calendário turístico. Na região de Traz os Montes e de Zamora que lhe é vizinha na Espanha, realizam-se festivais de inverno que costumam ocorrer entre Novembro e quarta-feira de cinzas, com auge nos dias 24 a 26 de dezembro, data do solstício de inverno. Neste período são realizados em diversas regiões destas províncias ibéricas uma série de rituais que se caracterizam pelo uso de máscaras pelos rapazes das aldeias e cidades. Nesta época e, sobretudo no carnaval, muitos personagens mascarados representam o diabo ou a morte e as pessoas costumam escapar deles refugiando-se no adro das igrejas. O personagem Cazumba do bumba-meu-boi em alguns lugares do interior do Maranhão, pelo uso da máscara é também identificado com o demônio.

O pesquisador português Tiza (2004, p. 35) considera que as manifestações festivas que se desenvolvem entre o Nordeste de Portugal e a Espanha possuem semelhanças com as antigas festividades das saturnais realizadas por ocasião do solstício de inverno em muitas regiões do Império Romano. Tiza (apud FERREIRA, [20-?], p. 54-55) afirma também que os mascarados nos ritos festivos do ciclo do inverno nesta região assumem funções sagradas e profanas. Na festa dos rapazes solteiros no dia de Santo Estevão eles, como profetas denunciam atos reprováveis de membros da comunidade, numa crítica social institu-

1. Romero (1954, p. 251) e Moraes Filho (1979, p. 247) informam que Cazumba foi o nome de um escravo criminoso que em 1849 atingiu a tiros o famoso bandido Lucas da Feira, que chefiava uma quadrilha de escravos em Feira de Sant'Ana, o que permitiu sua prisão e condenação à forca. Cazumba, que era compadre e comparsa de Lucas, recebeu prêmios por seu ato. Sobre o assunto surgiram versos da poesia popular que foram transcritos por Silvio Romero e por Melo Moraes Filho. O personagem Lucas da Feira foi comentado e estudado entre outros, pelo médico maranhense Rodrigues (2006, p. 103-110), que não se refere ao Cazumba.

cionalizada, denunciando vizinhos e autoridades presentes diante de todos, no sentido de purificar a comunidade por ocasião do rejuvenescimento que se inicia com o novo ciclo solar do solstício do inverno. Assim estes personagens mascarados instituem o caos para depois reintroduzir a ordem.

É curioso constatar que em algumas regiões da Espanha, como em Vaina do Bolo, na Galiza, aparecem máscaras com estrutura de grandes dimensões, com arma-

ções de mais de um metro de altura que podem facilmente ser visualizadas a distância (FERREIRA, s/d, p. 172 e segs.). Como veremos adiante, máscaras de Cazumba deste tipo, com grandes dimensões atualmente também aparecem em alguns municípios em torno do Lago de Viana no Maranhão (ver MAZZILLO; BITTER; PACHECO, 2005, p. 85). Provavelmente seu objetivo é serem melhor vistas a distância e proporcionarem maior prestígio aos seus usuários.

FOTO 1

MÁSCARA DO CARNAVAL EM VAINA DO BOLO GALIZA, ESPANHA. IN MÁSCARAS IBÉRICA, HÉLDER FERREIRA, PORTO. ED.



FOTO 2

CAZUMBA DO MUNICÍPIO DE PENALVA/MA. TURMA DE BUMBA-BOI PROTEÇÃO DE SÃO JOÃO. (E. MATOS, 2009).



No continente africano a escultura e a máscara também estão muito presentes. Na África a máscara aparece principalmente na região da Costa Ocidental, estando quase sempre relacionada com a indumentária, com os ritmos e com a dança. Estudando máscaras africanas, Monti (1992, p. 9) considera que no plano psicológico a origem da máscara deve ser buscada na aspiração do homem em aumentar seu poder, identificando-se com forças universais divinas ou demoníacas, como um meio para criar novas realidades fora da realidade humana. Assim a máscara não seria uma forma de fugir à realidade cotidiana, mas uma possibilidade de participar na multiplicidade da vida no universo.

Na África negra a maioria das máscaras e esculturas é feita de madeira, embora haja de todos os materiais possíveis, sobretudo de tecido. O escultor precisa escolher a madeira apropriada e observar as condições de sua execução. Com intenções decorativas e outras são acrescentados objetos diversos como fibras vegetais, espelhos, miçangas, sementes, pedaços de metal, tecidos, etc. para destacar o sentido dramático e expressivo, da mesma forma como ocorre com as máscaras de Cazumba do Maranhão. Monti (1992, p. 26) considera que no continente africano as máscaras se difundiram em três grandes áreas, que possuem algumas características comuns: a Sudanesa, a da Costa de Guiné e a Congolesa. Na área sudanesa, entre os ioruba da Nigéria e do Benin, muitas são usadas em rituais de sociedades secretas como as dos Egunguns, das Geledês, dos Ogbonis e outras, destinadas a homenagear os espíritos da terra, os antepassados e ao culto à fertilidade.

Monti (1992) afirma ainda que a arte tradicional africana é um fenômeno do passado. As religiões tradicionais foram enfraquecidas pela expansão do islã e do cristianismo

levando ao desaparecimento dos seus sentidos rituais. A administração colonial destruiu a organização social e política das populações locais impondo novos costumes. Hoje o mercado estimula o comércio de objetos que imitam as artes tradicionais a partir de um artesanato baseado na demanda turística. Monti (1992) considera que o talento do artista africano terá que encontrar novas saídas para sua criatividade.

Comentando sobre máscaras e lembrando que são encontradas em grande número de povos, Boas (2009, p. 31) mostra que um mesmo fenômeno étnico pode se desenvolver a partir de diferentes fontes. Constatamos assim que a máscara de Cazumba do bumba-meu-boi do Maranhão é um elemento sincrético como tantos outros da religião e da cultura popular. Estes elementos que tem origens diversificadas foram surgindo aos poucos, a partir de acréscimos culturais provenientes de múltiplas matrizes. Vemos, portanto que nas máscaras, como em outros elementos da cultura, não há uma direção única no processo de aculturação. Consideramos ainda que os estudos sobre fenômenos da aculturação, como do sincretismo foram abandonados de forma um tanto apressada na antropologia a partir dos anos de 1960 e hoje com a realização de novas pesquisas sobre religião e cultura popular, necessitam ser retomados.

3. SIGNIFICADO SIMBÓLICO DAS MÁSCARAS

As máscaras costumam ser usadas em danças ritualizadas e em rituais mágico-religiosos. Muitas representam animais ou seres fantásticos que povoam o imaginário popular. Podem representar formas estereotipadas de ritualizar temores do grupo social, materializam elementos mitológicos da cultura e representam idéias abstratas.

Conforme nos ensina Turner (2005), os símbolos dos objetos numa cultura se caracterizam pela polissemia, isto é, possuem múltiplos significados. Turner estuda os símbolos nos rituais, que considera como comportamentos formais prescritos para ocasiões não devotadas à rotina. Considera os símbolos como semanticamente abertos, não tendo um significado fixo. Diz que eles são multivocais, pois permitem múltiplas interpretações. A nosso ver, na perspectiva antropológica de Victor Turner, pensamos que o boi é um símbolo dominante na cultura popular maranhense e, tendo em vista sua representação ritual e dramática, a figura do Cazumba no bumba-meu-boi pode ser considerada como desempenhando o papel de um ser liminar, que atua nos limites entre sagrado e o profano, entre o santo e o demônio.

Mauss (1974) nos informa que os romanos, parecem terem sido os primeiros que estabeleceram a noção de pessoa como concebemos hoje. A este respeito, Mauss (1974, p. 227) afirma que: “a pessoa é algo além de um fato de organização, mais do que o nome ou o direito reconhecido a um personagem e mais do que uma máscara ritual... Parece que o sentido original da palavra fosse exclusivamente ‘máscara’”.

Informa ainda que a palavra talvez seja de origem etrusca lembrando que os etruscos possuíam uma civilização de máscaras sendo provável que a instituição das máscaras dos ancestrais tenha se originado na Etrúria. Informa também que entre os romanos a máscara tinha o significado de imagem, cognome ou sobrenome dos ancestrais, sendo sinônimo da natureza do indivíduo, tendo dado origem ao direito da pessoa. Por outro lado a palavra pessoa assume também o caráter de máscara ou personagem artificial na tragédia ou na comédia. Segundo Mauss (1974), o surgimento

da noção de pessoa, fundamental em nossas sociedades modernas parece estar relacionada com o uso de máscaras em que a personalidade se transforma e ganha novos significados. Parece-nos que nas máscaras de Cazumba do bumba-meu-boi do Maranhão estas características das máscaras destacadas por Mauss estão muito presentes, relacionadas à pessoa e à personalidade dos indivíduos que as utilizam.

Numa outra perspectiva, em trabalho sobre máscaras ibéricas, Gomes (apud FERREIRA, [20-?], p. 9) afirma que o vocábulo máscara na línguas latinas tem origem arábica derivado de “maskhara”, que designava um momo ou figura facial de cartão destinada a um disfarce. Informa que na comédia grega do séc. IV a. C usava-se um adereço denominado “prossopa” que representava um disfarce para satirizar personagens e que servia também de amplificador de som ou de caixa de ressonância. Gomes (FERREIRA, [20-?], p. 13) considera que a máscara tem por finalidade fingir ou imitar uma imagem e lembra que fingir se relaciona com ficção. Conforme o mesmo autor, na Idade Média portuguesa um dos precursores da máscara foi o do entrudo ou intróito da Quaresma em que a máscara tornou-se referência simbólica do chocalheiro, do satírico e do maléfico ou homens que tocavam chocalhos pelas ruas numa espécie de exorcismo. Lembramos, como veremos adiante, que o chocalho é um dos elementos utilizados pelo personagem Cazumba no bumba-meu-boi do Maranhão, que as máscaras constituem também um disfarce e a nosso ver, possuem igualmente características satíricas.

O uso de máscaras está presente tanto em povos chamados de primitivos, quanto em sociedades consideradas avançadas e modernas. A máscara é freqüentemente

encontrada no teatro como forma de representação de personagens. No teatro grego a máscara representava a personificação dos sentimentos humanos. As máscaras também são frequentes no carnaval que existe em muitas sociedades.

Comentando sobre o carnaval em fins da Idade Média Bakhtin (1987, p. 6) informa que: “os espectadores não assistem o carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval por sua própria natureza existe para todo o povo”. Bakhtin (1987) lembra a oposição entre carnaval e palco teatral e considera que a idéia de carnaval manifestou-se nas saturnais romanas e no carnaval da Idade Média. Sobre o motivo da máscara Bakhtin (1987, p. 35) comenta:

É o motivo mais complexo, mais carregado de sentido da cultura popular. A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio do jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos. O complexo simbolismo das máscaras é inesgotável. Basta lembrar que manifestações como a paródia, a caricatura, a careta, as contorções e as ‘macaquices’ são derivadas da máscara. É na máscara que se revela com clareza a essência profunda do grotesco... A máscara dissimula, encobre, engana, etc... Mesmo na vida cotidiana a máscara cria uma atmosfera especial, como se pertencesse a outro mundo.

No seu estudo clássico sobre o cômico, o riso, o carnaval, as mascaradas como so-

bre outros aspectos da vida social Bakhtin (1987) mostra a importância da máscara na cultura cômica popular nos primórdios da civilização ocidental em que o carnaval invertia a hierarquia vigente na sociedade medieval e no Renascimento. Em muitas regiões as máscaras continuam sendo usadas e são importantes em determinados rituais como ocorre com o personagem *Cazumba do bumba-meu-boi* do Maranhão.

4. DIVERSIDADE DAS MÁSCARAS DE CAZUMBA NO MARANHÃO

Nas apresentações dos grupos de *bumba-meu-boi* do Maranhão, os brincantes quando utilizam as caretas de *Cazumba* se mostram como brincalhões e irreverentes diferenciando-se dos demais personagens tanto por assumirem funções específicas no folguedo, quanto por sua indumentária. São popularmente chamados de *cazumbá* (com a última sílaba tônica) pelos residentes em São Luís, e conhecidos na maioria dos municípios da Baixada Maranhense, como *Cazumba*. Seja como for, os *Cazumbas* e suas satíricas caretas, feitas de pano, madeira, borracha ou outros materiais, brincam nas noites de São João recriando um mundo específico na brincadeira do *bumba-meu-boi*.

A literatura a respeito do *Cazumba* é ainda bastante reduzida e se inicia a partir da década 1980. Entre os poucos trabalhos disponíveis temos artigos de antropólogos e pesquisadores da cultura popular, como: Ferretti (1986), Carvalho (2005) e Azevedo Neto (1983) que vêem o personagem como de origem africana. Ayres (1999) e Lody (1999), identificam o *Cazumba*, pelo uso da careta, que pode ter relação com rituais indígenas e africanos. Mais recentemente, temos o livro ‘*Careta de Cazumba*’, dos

pesquisadores Mazzillo, Bitter e Pacheco (2005) com depoimentos dos brincantes e imagens do processo de confecção da indumentária. Essa publicação mostra a extensão e diversidade do personagem em municípios da Baixada Maranhense e apresenta farta documentação fotográfica ilustrando diversos tipos de máscaras que são produzidas na região. É, entretanto ainda visível a escassez das pesquisas sobre o Cazumba, o que vem motivando nos últimos três anos novas abordagens sobre suas características artísticas e antropológicas, com destaque para as pesquisadoras Juliana Manhães (UNIRIO), Flora Moana (IFCS/UFRJ) e Elisene Matos (UFMA) que estão elaborando dissertações de mestrado sobre este tema. É interessante constatarmos que pela internet podem ser localizadas diversas matérias com o título Cazumba como artigos assinados ou não, relatos de notícias de Museus, informações sobre companhias de teatro e dança com este nome e muitas outras, ocupando mais de trinta páginas de site.

Carvalho (1999, p. 6) classificou as caretas de Cazumba em três tipos: “focinho” ou “cabeleira”, feita de madeira pintada e com formato de animais, de “tecido”, com bordados e orifícios para os olhos, nariz e boca, e “igreja” ou torre, que são esculturas feitas de isopor. Com o passar dos anos, as caretas, bem como a roupa utilizada pelos Cazumbas foram se diversificando e hoje temos uma variedade tão grande da indumentária e da máscara, que seria até mesmo complicado dizer quantas e quais são os modelos utilizados por eles. Primeiro porque sua composição visual se distingue dependendo do lugar e da época. As formas de fazer e de ima-

ginar o Cazumba mudam dentro de um mesmo município e seus povoados ou até mesmo com cada artesão. Atualmente em toda região da Baixada encontramos diferentes tipos de Cazumbas, com vestes que vão desde as mais conhecidas, como as caretas talhadas em madeira e a farda em veludo bordada, até as caretas de borracha ou papelão, com as fardas feitas de pano de chita, seda, pintadas ou bordadas. Além da diversidade das vestes, sua presença marcante se concentra na Região da Baixada e em São Luís, mesmo que alguns já tenham sido vistos no município de Carutapera, que fica na Região do Gurupí na fronteira com o Pará, fato que demonstra igualmente a adaptação do personagem a outros lugares.

De um modo geral, percebemos como é difícil classificar os Cazumbas, já que são de natureza tão diversa e dinâmica, o que não nos impede de listar aqueles tipos mais conhecidos, que vimos com maior frequência em alguns municípios da Baixada Maranhense, como:

- **Cazumbas com caretas de madeira**, com queixo talhado em forma de animal, com cabeleira de fitilhos coloridos e enfeitadas com materiais diversos. Esta máscara não recebe por parte dos brincantes nome específico, chamam simplesmente careta de madeira ou careta de Cazumba. As madeiras utilizadas para esculpir o queixo em geral são paparaúba ou cedro, mais leves e, portanto mais fáceis de receber cortes². Para o entalhe, eles utilizam diferentes tipos de instrumentos, que aos poucos vão dando feição ao queixo animalesco da máscara. Concluído o trabalho de entalhe, o artesão lixa e pinta a madeira com esmalte sintético. Chegam a du-

2. Geralmente são retiradas de árvores de regiões de mangues e devem ser cortada em fase própria da lua, para não racharem. Quando pronta uma careta de madeira pesa cerca de 2.5 kilos.

rar cerca de dez anos. São feitas geralmente em duas partes, e fixadas posteriormente. A primeira representa o lado superior da boca e a segunda o lado inferior, que quando juntas permitem um movimento de abrir e fechar a boca do animal representado. Seu Nonato, fazedor de caretas do Município de Viana, (*apud* MAZZILLO; BITTER; PACHECO, 2000), diz que a melhor época para se cortar a madeira é a lua minguante, período em que a lua está, segundo ele, fraca e a madeira não rachava. Quanto às figuras representadas nas caretas são de diferentes tipos de animais, como cavalo, porco, cachorro, onça, macaco, águia, entre outros. A escolha do tipo de animal fica a cargo da pessoa que brinca de Cazumba, ocorrendo às vezes situações em que escolhem animais não muito familiares, como hipopótamos, o que acaba por desafiar o próprio artesão que nunca viu um animal desta natureza. Em Pindaré e Santa Inez surgem queixos de madeira com focinho de jacaré e torre talhada em formato de sereia, bicicleta e vários objetos alegóricos. A madeira, talhada ainda verde, é lixada e pintada. Utilizam esmalte sintético, sendo muito presente as cores vermelho, azul, verde e branco. A superfície costuma ser coberta com duas ou mais cores, geralmente com objetivo de por em relevo ou realçar algum detalhe da careta. Atualmente, esse tipo de careta é a mais utilizada pelos brincantes de Cazumba nos municípios da região da Baixada e em São Luís. Nelas costuma-se colocar também as torres ou coroas feitas de ferro, madeira ou isopor. Por baixo da máscara costumam usar uma camiseta ou um pano amarrado enrolado na cabeça e no rosto, mostrando apenas os olhos, para não serem identificados ao retirarem a máscara. De certa forma podemos dizer que assim disfarçados os brincantes se assemelham a personagens árabes.

FOTO 3

CARETA DE MADEIRA DE ABEL TEIXEIRA (S. FERRETTI, 1994)



- Cazumbas que utilizam máscaras de pano, confeccionadas com um tipo de tecido resistente e em cores variadas. São também chamadas pelos brincantes mais antigos de 'careta de pelego', devido a máscara ser confeccionada com tecidos velhos, coberto de algodão ou enfeitadas com pelego de carneiro. As antigas não recebiam brilhos, nem eram fixados paetês ou canutilhos, pois naquela época esses acessórios não eram facilmente disponíveis. Atualmente essas caretas de pano são comuns em alguns grupos e confeccionadas principalmente pelo artesão maranhense Abel Teixeira, que após longos anos como brincante, desenvolveu um modelo e técnica própria para este tipo de máscara. Suas caretas de pano são feitas com o tecido brim na face, que após talhado com a tesoura recebe costura manual e as partes do rosto vão tomando forma. Algumas partes, como a boca, o nariz e a orelha, são feitas separadas e costuradas depois. No nariz, que é fixado por dentro, é colocado algodão dentro da sua costura, para que tenha

forma e volume. As partes da frente do rosto são cortadas em cores diferentes. Normalmente utiliza as cores laranja, amarelo, preto e vermelho. A cor preta preenche os lados da face e a sobrancelha, a cor vermelha é para cobrir a boca. O nariz e o resto do rosto alternam entre o laranja e o amarelo. Os dentes são feitos de contas metálicas douradas fixadas na boca. Não há medidas para confeccionar este tipo de máscara, sua longa experiência lhe permite cortar todo o artefato sem o uso de instrumentos para medir. As partes são alinhavadas primeiramente e só depois recebem a costura que irá fixá-las definitivamente na careta. Após esta etapa, o próximo passo é 'enfeitar', ou seja, costurar os detalhes. São colocados paetês ao redor do rosto, na extensão do nariz e ao redor das sobrancelhas. As orelhas, tanto nas máscaras de pano quanto nas de madeira, que

antes eram feitas da entrecasca do babaçu, chamada pembé, atualmente são confeccionadas com uma chapa de alumínio de fotolitos de impressão que lhes dão movimento. As chapas são adquiridas gratuitamente por Seu Abel em jornais da cidade. Após a costura, a orelha recebe paetês ao redor e dentro. Também são colocados na parte inferior da orelha, pequenos fios feitos de canutilhos coloridos. Quanto ao cabelo, antigamente era feito de pelego de carneiro ou fios de tecido ou algodão, enquanto que hoje é feito principalmente de pelúcia, geralmente nas cores amarelo e vermelho. Para finalizar a careta de pano, é colocado pelo lado de dentro um chapéu de palha, recortado num formato que prenda a careta na cabeça do brincante e o deixe a vontade para bailar por todas as noites da festa.

FOTO 4

CARETAS DE PANO DE ABEL TEIXEIRA (M. FERRETTI, 2007)



- **Cazumbas que utilizam máscaras de borracha.** Há muitos brincantes que compram em armarinhos da cidade máscaras de borracha, a maioria com imagens de caveiras ou demônios, também com a função de causar medo nos espectadores. As máscaras industrializadas possuem evidentemente custo menor que as feitas de madeira.

- **Cazumbas com máscaras em torre ou coroa.** As torres fixadas sobre a careta de madeira costumam ter armação de isopor, metal, madeira ou vergalhão. As feitas de isopor, assim como as demais representam figuras variadas. Tempos atrás eram mais utilizadas as que possuíam formato de igreja, sendo aos poucos substituída pelas enormes torres atuais. Algumas chegam a duplicar a altura do brincante. Àquelas feitas de madeira possuem em geral formato de uma gaiola e as de vergalhão torre ou coroa, são enfeitadas com pequenos e diferentes tipos de objetos como bonequinhas de plásticos, bolas de natal e outros acessórios mais simples. O uso das esculturas sobre a careta é uma prática recente, que dá ao brincante mais prestígio e beleza diante dos demais. No início, seu uso não foi um consenso entre todos os brincantes. Hoje em dia, alguns acham que as torres atrapalham o desempenho performático do brincante na hora da apresentação, e que seu peso não permite que o Cazumba caminhe rapidamente quando necessário. Com ou sem objeções, as torres são atualmente um símbolo que identifica o personagem e trazem, a cada dia, novos acessórios e inovações tecnológicas. As torres de isopor, talhadas em formato variado, desde temas figurativos até abstratos, são bastante comuns no município de Penalva e Viana. Utilizam na pintura cores claras ou fortes, como vermelho e amarelo. Como acessórios, são fixados cd's, brilhos, fitas coloridas, lâmpadas que acen-

dem a apagam durante a apresentação, festas de natal, entre outros, dependendo das condições financeiras e da criatividade do artesão. O que há de comum entre as torres, independente de sua forma ou material é a presença de imagens religiosas, principalmente São João. Há casos, em que a imagem é fixada tanto na frente como atrás da torre. Também utilizam emblemas de times de futebol, flores, corações, etc. O processo de confecção, quando a torre é feita com isopor, se inicia com o corte, que dará o formato desejado pelo brincante. É comum o formato de animais em pares, como um casal de garças, de pôneis, pássaros e ao redor formas complementares que assegurem o equilíbrio do isopor na cabeça. Depois de esculpidas e lixadas, as torres são pintadas com tinta látex ou tinta plástica e quando acontece do isopor quebrar, é passada uma massa corrida. Se não ficando ao gosto do brincante, faz-se um novo corte, modificando o formato da escultura original. Nas torres com armação de ferro, fazem primeiro o enrolamento no modelo de uma torre e depois levam para um ferreiro soldar. Quando a armação é de cipó ou madeira, dobram o material até que adquira o formato desejado, normalmente fazem como se fossem gaiolas. Independente do material utilizado, o próximo passo é fazer a decoração. No município de Matinha há torres gigantescas, maiores que o próprio brincante que as carregam, com focinho de madeira e armação de vergalhão com enfeites variados.

FOTO 5
CARETA EM TORRE DE ZÉ DEMÉTRIO, MATINHA
(M. FERRETTI, 2007)



FOTO 6
INDUMENTÁRIA COMPLETA CAZUMBA, PENALVA
(E. MATOS, 2009)



Fomos informados que em Bacurituba, antiga São Bento Velho, na mesma região da Baixada Maranhense, as caretas não usam torre alta, são de papelão, tecido ou de plástico e usam cabelo de ráfia caído. São, portanto, de estilo diferente dos que apresentamos aqui e o ritmo de sua dança é também diferente do de outros locais próximos.

Constatamos assim, a diversidade dos tipos de máscaras utilizada pelos Cazumbas e as diferentes formas de confecção. Sua performance é igualmente distinta, ou seja, a atuação cênica do personagem muda dependendo do peso ou mesmo do formato da careta. Depende também dos costumes desenvolvidos em cada município ou povoado. O Cazumba, que brinca, diverte as pessoas, faz travessuras e transgride as regras na hora da apresentação, tem nessa máscara ou careta seu símbolo dominante e talvez o que o defina como um personagem especial, de grande prestígio, mistério, criatividade e beleza.

Além da careta, também chamada de queixo, sua veste se compõe ainda de um conjunto de artefatos simbólicos que o caracteriza e o distingue dos demais personagens, como: a farda ou bata, grande túnica feita de pano pintado, veludo, seda ou chitão, por exemplo, e bordada com miçangas e canutilhos que recobre todo o tecido. As cores que predominam são o vermelho, preto e verde. Por dentro dela é colocado na altura do quadril um cofo³ ou papelão que permite o alargamento da veste nessa região do corpo, característica comum dos Cazumbas. Seu

Abel desenvolveu um tipo de cofo diferente, levando junto a ele cacos de potes para fazer barulho e assustar as pessoas. Além da bata, o personagem utiliza ainda uma espingarda feita de madeira pintada e um chocalho⁴, instrumento de ferro tocado pelos Cazumbas durante a apresentação. Alguns substituem o chocalho por uma buzina ou um boneco, como os utilizados pelo personagem fofão. O chocalho por sua vez, possui várias funções, que vão desde avisar a chegada dos Cazumbas, até ajudar no ritmo da brincadeira, já que o som produzido por ele complementa os demais instrumentos tocados.

Como vimos praticamente todos os elementos simbólicos utilizados pelos Cazumbas, são preparados manualmente e sob encomenda, exigindo dos artesãos conhecimentos informais acerca de escultura, pintura, formas, cores e bordados. Informais no sentido de que não são adquiridos em meios acadêmicos e sim com a experiência de vida de cada artista popular. Geralmente cada pessoa é especialista em fazer apenas uma parte, sendo necessárias várias mãos de artesãos para que uma indumentária de Cazumba se complete. Outro ponto a ressaltar é que o uso de certos elementos, como as torres ou a espingarda, por exemplo, vai depender dos costumes de cada município onde eles se encontram para brincar. Ou seja, a diversidade é uma característica dos Cazumbas e está presente dentro de um mesmo município como até de um único grupo.

3. Cesto trançado feito artesanalmente com palha de babaçu servindo para armazenamento e transporte de farinha e outros produtos. (ver GONÇALVES; LIMA; FIGUEIREDO, 2009)

4. É interessante constatar que em Portugal os caretos do ciclo natalino também usam chocalhos para assustar as pessoas. Em alguns lugares de São Luís os Cazumbas são chamados de belelém, em referência ao som do chocalho.

5. PROCESSO CRIATIVO NA CONFEÇÃO DAS CARETAS DE CAZUMBA

Através dos distintos modelos de caretas ou máscaras identificadas acima, perceberemos que a confecção das mesmas também irá variar conforme as técnicas utilizadas em cada artesão. Após sua confecção, a careta só terá sentido quando utilizada e posta em movimento pelo brincante. Ela serve para transformar suas características físicas, sua personalidade, além de lhe conferir autoridade diante dos demais personagens.

Dessa forma, a ação de produzir as caretas, além da técnica necessária, adquirida com os mais velhos, acrescenta o fazer artístico, entendido como algo que o artesão produz com o objetivo de agradar o olhar do espectador. Essa prática se revela no cuidado com a escolha das cores, na preocupação com o impacto que ela terá ao ficar pronta, além da busca pelo prestígio, adquirido pela unicidade do resultado, pois cada careta esculpida possui em sua composição visual, características que diferenciam umas das outras.

Normalmente em formato animalesco, as caretas incutem temor e medo às pessoas, sendo esta uma característica geral dos Cazumbas, independente de grupo ou município. Portanto, sua confecção necessita de uma figura singular que é o artesão. No Maranhão existem muitos artesãos dedicados a fazer caretas de Cazumbas, porém poucos são conhecidos. No livro 'Caretas de Cazumbas', dos pesquisadores Mazzillo, Bitter e Pacheco (2000), são identificados diversas pessoas que confeccionam as vestes do personagem. São homens, a maioria dos municípios da região da Baixada, que trabalham no meio rural e demonstram grande criatividade quando o

assunto é confeccionar Cazumba.

A atividade de artesão é com frequência fruto de uma vocação que o leva a exercer tal tarefa, existindo, porém a necessidade de se ter outras profissões ou outros afazeres. Há casos em que esse saber é transmitido de pai para filho ou de alguém que ao deixar a cidade se preocupou em repassar seus conhecimentos aos outros. Seja como for, o ato de fazer caretas, não absorve todo o seu tempo, mesmo porque, uma careta resiste muito tempo, sendo substituída apenas quando novos Cazumbas entram no grupo ou quando um brincante quer substituir a antiga por uma nova.

Ao final de cada careta, o resultado obtido é surpreendente e contribui para intensificar a expressividade do personagem no momento da apresentação. Assim, independente do modelo, forma ou tipo de material em que são produzidas as caretas, é graça ao trabalho dos artesãos, que seu uso na apresentação dá vida ao personagem e permite ao brincante dançar e celebrar suas facetas no bumba-meu-boi.

Apresentamos aqui o trabalho de dois artesãos, especialistas em caretas e que também são brincantes de Cazumba. O primeiro é Abel Teixeira, ou Seu Abel, como é mais conhecido. Suas caretas estão espalhadas em diversos museus no Brasil e no exterior. Nasceu no povoado de Santo Inácio, em 1939, próximo do município de Viana, vindo para São Luís em 1979. É integrante do grupo "Sociedade Junina Turma de São João Batista", popularmente chamado de boi de Apolônio Melônio, ou boi da Floresta e também tocador do tambor de crioula.

No interior Seu Abel vivia de pesca e de caça, começou a brincar como Cazumba por promessa aos 16 anos. Afirma que lá os bois tinham mais de 200 bailantes, com roupas enfeitadas de lantejoulas e

cerca de 40 Cazumbas, todos homens. Diz que o Cazumba era como um animal, um bicho que usava roupa de saco de estopa. A máscara tinha o formato de um coador de café, de pano costurado com boca de pau. A orelha era feita de pembé, uma entrecasca da palmeira babaçu. Atualmente, como vimos, Seu Abel confecciona as máscaras com outros materiais.

As primeiras eram de pano com armação de madeira, eram, segundo ele, mais leves e fáceis de usar durante as horas de apresentação do boi. Ainda hoje ele talha queixos em madeira, porém se especializou em fazer caretas de pano. Seu Abel, quando se remete às suas primeiras caretas, caracteriza-as como simples pedaços de panos colocados no rosto que permitiam ao personagem deitar e rolar tranquilamente no chão. No entanto, com a mudança não só de materiais, mas também da técnica, do formato e do modo de fazer, ele destaca que hoje os Cazumbas se apresentam de modo bem diferente, ou seja, perderam a espontaneidade e a desenvoltura dos movimentos próprios dos Cazumbas, ganhando atualmente certo luxo nas vestes e nos movimentos coreográficos.

Atualmente também faz miniaturas de caretas para venda a turistas e tem organizado muitas oficinas para ensinar seu ofício a aprendizes interessados. As miniaturas surgiram, segundo ele, após uma encomenda que recebeu de oito caretas de pano para uma companhia de dança da cidade de São Luís. Ele observou que sobrou muito tecido e então aproveitou para fazer miniaturas. Constatou que já haviam miniaturas de burrinhas e de boi, no entanto não tinha de careta. Desde então, a confecção das miniaturas das caretas é uma atividade que lhe ajuda na renda familiar, além de divulgar o Cazumba por diversas partes do

mundo. Elas ficam à venda em lojinhas de artesanato no centro histórico de São Luís e também são mandadas para outros estados, como o Rio de Janeiro, aonde são vendidas em museus de cultura popular.

Seu Abel já viajou diversas vezes ao sul do país para participar de oficinas e exposições e se apresentou na França e em Portugal. Com cerca de 70 anos e já aposentado, ele continua confeccionando caretas de Cazumba, tanto para outros brincantes, como em miniaturas para serem vendidas como lembrança. A confecção das caretas é uma atividade que exerce há mais de trinta anos, sendo ele hoje muito conhecido pelo trabalho que desenvolve como Cazumba e como fazedor de caretas.

O outro artesão é Seu Raimundo da Costa, mais conhecido como Camaleão. Nasceu no povoado Jacaré, município de Penalva, em 1973. Desde 2001 passou a morar na sede do município, onde continua sua atividade de pescaria e, assim como seu Abel, interpreta o personagem Cazumba e é fazedor de caretas. Brinca desde os quinze anos de idade e após seis anos como brincante decidiu fazer sua própria careta, ensinada por Marcos Ligão, patrão do grupo no qual brincava. Suas caretas são talhadas em madeira e possuem formato animalesco. Há casos em que faz animais que nunca viu na vida, como o rinoceronte ou hipopótamo, por exemplo. Recebe anualmente muitas encomendas, sendo a atividade de artesão uma das suas principais fontes de renda.

Diz que o processo de elaboração das caretas inicia-se no mês de abril, quando talha a madeira. A paparaúba é a mais utilizada porque permite mais facilmente o corte, além de ser mais leve e de fácil manuseio pelo brincante. Seu Camaleão participa da turma de bumba-boi 'União do Povo'

e ao mesmo tempo recebe muitas encomendas de outros grupos da cidade de Penalva. Seu Raimundo também borda a farda utilizada pelo Cazumba, mas essa não é uma coisa que faz com frequência. Nessa atividade ele recebe ajuda da esposa e dos três filhos, já na confecção dos “queixos”, como chama as caretas, prefere trabalhar sozinho. Cada “queixo” leva em média dois dias para ficar pronto, sendo confeccionado em duas partes separadas, denominadas por ele de “superior” e “inferior”. As duas partes são presas atrás por um uma espécie de arame que permite o movimento de abrir e fechar o queixo.

Vemos assim que fazer a careta assim como vestir-se de Cazumba são ações simbólicas e sociais, revestidas de profunda criatividade e sensibilidade. Quem se veste de Cazumba, prepara-se para exercer na brincadeira diversas funções, além de dançar com os demais personagens. A primeira delas é dar início às apresentações. Para este momento organiza-se uma grande fila, que tanto serve para preparar melhor a entrada dos demais brincantes, como para iniciar as apresentações. O Cazumba é ainda o responsável pela morte do boi e em alguns momentos chega mesmo a exercer o papel de Pai Francisco na brincadeira. Para seu Abel, a função do Cazumba é distrair, brincar e também ajudar o Pai Francisco na morte do boi.

Outra característica dos Cazumbas em alguns municípios da Baixada, é que somente os homens podem vestir-se e interpretá-lo. Porém há casos mais recentes na cidade de São Luís de mulheres que passaram a integrar grupos de bumba-boi vestidas de Cazumba. No interior, no município de Viana, soubemos que recentemente foram vistas duas mulheres fantasiadas de Cazumba usando careta, uma senho-

ra e uma menina, pessoas da comunidade. Quanto às crianças, é muito comum vê-las participar da brincadeira, apesar de que antigamente, como diz seu Abel, as mães não gostavam que seus filhos brincassem de Cazumba, porque para elas o fato de utilizarem a careta, significava que era coisa do diabo. Em alguns lugares, ainda se ouvem tais histórias, como em Penalva, por exemplo, em que alguns acreditam que o Cazumba fez um pacto com o demônio e que quando um brincante morre vai para o inferno.

FOTO 7
ZÉ DEMÉTRIO, COLOCANDO O COFO SOBRE O
QUADRIL, POVOADO CHULANGA, MATINHA.
(JANDIR GONÇALVES, 2008)



FOTO 8
ZÉ DEMÉTRIO VESTIDO DE CAZUMBA, POVOADO
CHULANGA, MATINHA (JANDYR GONÇALVES, 2008)



6. CONCLUSÕES

Independente do modelo ou formato da careta utilizada pelos Cazumbas, ou das 'histórias' ditas a seu respeito, é importante que se perceba sua personalidade, suas funções, características estéticas, simbólicas e artísticas. Deve-se também perceber que tais características estão relacionadas à particularidade de seus portadores e dos lugares onde encontramos o Cazumba. Ele é aquilo que cada um define, segundo seus conhecimentos e experiências de acordo com sua cultura específica.

Atualmente o personagem Cazumba tem despertado grande interesse entre os estu-

diosos do bumba-meu-boi e da cultura popular maranhense, pela beleza das máscaras, pelos seus significados mágico-simbólicos, pela performance das apresentações, pelas funções que desempenha no auto, etc. Esperamos que este interesse contribua para o melhor conhecimento e divulgação desta importante manifestação cultural.

Como há muito tempo já vinha ocorrendo com máscaras africanas, asiáticas, ameríndias e de outras procedências pelo menos desde inícios do século XX, atualmente as máscaras ou caretas das festas do ciclo natalino em Portugal e na Espanha como as caretas de Cazumba do bumba-meu-boi no Maranhão passam a estar presente em exposições de arte e em museus de diversas cidades do país e do exterior, sendo também adquiridas pelos turistas.

Ultrapassando assim as dimensões de uso, como objeto de divertimento e em rituais da cultura popular as caretas de Cazumba assumem características e são apreciadas como objeto de arte e de consumo turístico destacando-se suas dimensões estéticas. A atividade do artesão é vista e respeitada por um público mais amplo como contribuição artística, mas ao mesmo tempo seu uso é atual e crescente no Maranhão e as máscaras de Cazumba continuam sendo usadas com fins rituais e de divertimento, pois tanto o lúdico quanto o estético são reconhecidos como dimensões da criatividade artística.

Embora a identidade visual deste mascarado contemple elementos, que, de forma geral, são comuns a todos os Cazumbas, cada brincante como vimos, compõe suas vestes buscando principalmente chamar atenção do público para si, seja de maneira suntuosa ou simples. Uma das características dos artesãos que as fabricam é que geralmente eles também participam das apresentações da brincadeira.

As caretas de Cazumba do Bumba-meu-boi do Maranhão refletem influências tanto africanas quanto ibéricas, num exemplo de sincretismo cultural como ocorre com outras manifestações da cultura popular. A máscara de Cazumba constitui assim um elemento sincrético como outros da cultura popular, tanto por suas origens quando pelas diversas formas de sua confecção.

Vimos que há semelhanças entre o personagem Cazumba do bumba-meu-boi e o fofão do carnaval maranhense, sobretudo no medo que infundem às crianças. Este elemento material de cultura possui significados polissêmicos e se presta a múltiplas interpretações. Seus significados simbólicos são múltiplos, como acontece com os símbolos em geral. Vimos que o Cazumba impõe medo a alguns e também infunde prestígio aos seus portadores, que de certa forma assumem o caráter da máscara, transformando ou disfarçando a personalidade dos que as utilizam. A máscara constitui um elemento misterioso e complexo e como diz Bakhtin (1987, p. 35) “mesmo na vida cotidiana contemporânea, cria uma atmosfera especial, como se pertencesse a outro mundo”.

Nota sobre os autores

Elisene Castro Matos é mestranda do PPGC-Soc/UFMA. Sergio F. Ferretti é professor de Antropologia do PPGCSoc/UFMA.

Referências Bibliográficas

AYRES, Bráulio. *Cazumbá máscaras e vodus: símbolos do nosso patrimônio ancestral*.

Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, São Luis, n. 13. p. 10, 11 jun. 1999.

AZEVEDO NETO, Américo. *Bumba meu boi no Maranhão*. 2.ed. São Luís: Alumar, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Ed.UNB/São Paulo: HUCITEC, 1987.

BOAS, Franz. As limitações do método comparativo da antropologia. In: CASTRO, Celso. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2009. p. 25-39, (Orig. 1896).

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: ITATIAIA; São Paulo: EDUSP, 1988.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia*. Um vocabulário Afro-Brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks; Academia Brasileira de Letras, 2001.

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. As Artes do Bumba- Meu-Boi do Maranhão. In: GOVEIA; EICHLER (Orgs.). *Alma do Norte*. Programa de Referenciamento e Promoção do Patrimônio Cultural da Região Norte. Brasília, DF: Gouveia & Eischler. 2005. p 106-114

_____.O Cazumba no Bumba-Meu-Boi do Maranhão. In: LODY, Raul (Org.). *Cazumbá: máscara e drama no boi do Maranhão*. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 1999. p. 6-8.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio*. Dicionário da Língua

- Portuguesa. Sec XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, Herder. *Máscara Ibérica*. Porto: Edições Caixotim, [20-?].
- FERRETTI, Sérgio F. Careta de Cazumba, máscara do Bumba-meu-boi. *Caderno Alternativo*, São Luís, 31 maio 1986.
- GOMES, Pinharanda. Ensaios etiológicos sobre a Máscara. In: FERREIRA, Herder. *Máscara Ibérica*. Porto: Edições Caixotim. s/d, p 8 – 17.
- GONÇALVES, Jandir; LIMA, Weeslem; FIGUEIREDO, Wilmara. *Cofos, tramas e segredos*. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2009.
- LODY, Raul. *Cazumbá: Máscaras e Drama do Bumba-meu-boi do Maranhão*. Rio de Janeiro: FUNARTE; CNFCP, 1999.
- _____. *Cazumbá: A máscara africana no Bumba-meu-boi do Maranhão*. In: _____. *O Povo do Santo*. Religião, História e Cultura dos Orixás, Voduns, Inquices e Caboclos. Rio de Janeiro: Pallas, 1995. p. 113-120.
- MATOS, Elisene. *Cazumba: A criatividade e a mística do personagem do bumba-meu-boi de Penalva e suas possíveis contribuições no ensino da Arte*. 2006. Monografia (Graduação em Educação Artística) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís. 2006.
- MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do eu. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU; EDUSP, 1974. p. 207-241,
- MAZZILLO, Maria; PACHECO, Gustavo; BITTER, Daniel. *Caretas de Cazumba*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005.
- MONTI, Franco. *As Máscaras Africanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MORAES FILHO, Melo. *Festas e Tradições Populares no Brasil*. São Paulo: EUDSP; Belo Horizonte: Liv Itatiaia, 1979, (Orig.1888).
- PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- RODRIGUES, R. Nina. Lucas da Feira. In: *As Coletividades Anormais*. Brasília: 2006: 103-109. Ed. do Senado Federal, (Orig. 1895).
- ROMERO, Silvio. *Folclore Brasileiro: Contos Populares do Brasil*. Tomo I. Rio de Janeiro: Liv. José Olímpio, 1954, (Orig. 1883).
- TIZA, Antônio. *Inverno Mágico. Ritos e Mistérios Transmontanos*. Lisboa. Ed. Êsquilo, 2004.
- TURNER, Victor. *Floresta de Símbolos. Aspectos do Ritual Ndembu*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2005.

RECEBIDO EM: 09/09/09
 APROVADO EM: 17/12/09